

## A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA PERSPECTIVA MULTI/INTERCULTURAL E AS RELAÇÕES DE GÊNERO: possibilidades de ação na Educação Física Escolar

Ana Paula da Silva Santos<sup>1</sup>  
Ana Canen<sup>2</sup>

**Resumo:** Mudanças significativas têm ocorrido no que se refere à diversidade de tradições políticas, étnicas, sociais, religiosas e de gênero, configurando identidades plurais que se expressam nas distintas esferas sociais. Gênero, aqui entendido como constructo cultural, tem sido moldado a partir de padrões que colocam em desigualdade as relações entre os sexos. Desta forma, a escola tem desempenhado um importante papel na reprodução de estereótipos que perpetuam visões de masculinidades e feminilidades responsáveis pela desigualdade entre os gêneros. Este estudo, realizado através de uma pesquisa-ação, teve como objetivo analisar a prática pedagógica na aula de Educação Física pautada na perspectiva multi/intercultural e reconhecer as suas contribuições para a superação do sexismo. A presente pesquisa foi realizada em uma escola pública do Rio de Janeiro com professores e estudantes do 5º ano do ensino fundamental. Como descoberta relevante, destacou a mudança percebida nas relações entre os meninos e meninas que passaram a interagir de forma respeitosa durante as atividades propostas sem a interferência direta do professor, passaram a participar conjuntamente de atividades consideradas típicas de meninos ou meninas sem demonstrar repúdio ou preconceito e se mostraram mais atentos ao emprego de discursos discriminatórios relacionados às questões de gênero.

**Palavras-chave:** Multiculturalismo, Gênero e Educação Física.

### *MULTI / CROSS-CULTURAL PHYSICAL EDUCATION CURRICULUM AND GENDER RELATIONSHIPS IN THE SCHOOL CONTEXT*

**Abstract:** *Important changes have been happening with regard to the diversity of political traditions, ethnic, social, religious and gender plural identities that are expressed in different social spheres. In this sense, multiculturalism refers to the understanding of society formed by plural identities, based on the diversity of social class, gender, ethnicity, race, cultural and linguistic patterns, as well as other identity markers. Gender, here understood as cultural construct, has been molded from patterns based on unequal relations between the sexes. In this sense, the school has played an important role in the reproduction of stereotypes that perpetuate*

<sup>1</sup>Professora da Rede Pública do Município do RJ, Doutoranda em Educação na linha de pesquisa "Processos culturais, instâncias da socialização e educação".PUC/RIO.

<sup>2</sup>Professora Associada do Departamento de Fundamentos de Educação/Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

*visions of masculinity and femininity responsible for gender inequality. In this context, through an action research, this study aimed to examine the pedagogical practice in Physical Education class guided in multi / intercultural perspective, and recognize their contributions to overcoming sexism. This research was conducted in a public school in Rio de Janeiro with teachers and students of the 5th year of elementary school. We believe that questioning, denaturalizing and unstabilizing such a discriminatory and exclusionary reality that is part of sexism is an essential step towards building a fairer and more egalitarian society. As an important result, the study highlighted the change that was perceived in the relationships between boys and girls, who changed into respectfully interacting among themselves without the teacher's interference. Also, they started to participate in joint activities hitherto considered only for boys or girls, without showing either disgust or prejudices whatsoever. Also, they evidenced more awareness in relation to discriminatory discourses related to gender issues.*

**Keywords:** *Multiculturalism, Gender and Physical Education, Multiculturalism.*

## INTRODUÇÃO

Atualmente, pensar em educação escolar nos remete a pensar na questão da função social da escola na contemporaneidade: a construção de identidades abertas à diversidade cultural, o combate à discriminação dos grupos culturais marginalizados na sociedade, a valorização da cultura destes mesmos grupos e o desafio a preconceitos e estereótipos limitadores de uma educação mais igualitária e menos excludente (CANDAU, 2011; MOREIRA E CÂMARA, 2008; CANEN, 2005).

Candau (2008) afirma que o caráter homogeneizador e monocultural da escola é cada vez mais percebido, assim como a necessidade de romper com este e construir práticas que levem em conta a diferença e a diversidade cultural. A autora também afirma que não há educação que não esteja imersa nos processos culturais de contextos específicos, o que nos coloca diante das questões elucidadas hoje pelo multiculturalismo no âmbito mundial e das diferentes realidades existentes.

Neste sentido, o multiculturalismo se configura como um corpo teórico e político de conhecimentos, que privilegia as identidades marginalizadas e silenciadas e que busca formas alternativas para sua incorporação no cotidiano educacional. Este campo refere-se à compreensão da sociedade formada por identidades plurais, com base na diversidade de classe social, gênero, etnia, raça, padrões culturais e linguísticos, assim como outros marcadores identitários (CANEN, 2008).

Reconhecendo a Educação Física como um campo privilegiado e transformador na educação escolar da educação infantil até o ensino médio, em que a linguagem corporal se destaca em relação às outras formas de linguagem, onde os conflitos existentes nas aulas em

decorrência dos jogos, esportes e outras atividades da cultura corporal de movimento, colaboram para a apresentação de um ser humano integral, podemos pensar neste componente curricular como um campo de conhecimento diferenciado onde os/as estudantes parecem estar livres das limitações impostas pelas salas escolares (OLIVEIRA E SILVA, 2008).

Dentro desta perspectiva, a Educação Física também é dotada de práticas culturais que reproduzem os estereótipos de gênero e normatiza modos de ser e agir dentro de um padrão de identidade masculina, branca e de classe média. Os critérios de seleção de conteúdos, a organização dos espaços destinados às vivências e as posturas e linguagens adotadas são exemplos do cotidiano escolar onde as diferenças entre meninos e meninas se mostram mais explícitas (SARAIVA 2005).

Diante do exposto, foram verificadas situações preconceituosas em relação ao gênero em uma turma de 5º ano do ensino fundamental na escola a qual trabalho como professora de Educação Física. A escola, pública e situada no município do Rio de Janeiro, se caracterizava por atender meninos e meninas provindos de comunidades carentes e contava com cerca de 700 estudantes.

Ao observarmos a aula de Educação Física de outro professor que lecionava em uma turma de 5º ano, percebemos que os meninos e meninas apresentavam muita dificuldade em interagir nas atividades, pois havia uma grande resistência pautada, principalmente, em um discurso biológico determinando a “brutalidade” dos meninos e a “fragilidade” das meninas.

Ao propor atividades corporais, o professor lidava com conflitos gerados pela dificuldade dos alunos e alunas em interagirem, pois as meninas eram encaixadas pelos meninos no contexto da aula como fracas e lentas e os meninos eram representados pelas meninas como fortes e ágeis. Tais diferenças representavam uma forte marca que determinava quais atividades poderiam ser vivenciadas por meninas e meninos de forma distinta. Qualquer tentativa por parte do professor em subverter esta lógica representava um momento de conflito entre os/as alunos/as o que repercutia na não aceitação e vivência das atividades pelos/as mesmos/as.

Outro fato importante a ser destacado é que apesar de compartilharem o mesmo espaço físico, os meninos e as meninas se separavam naturalmente quando, por exemplo, o professor de Educação Física sugeria a formação de pequenos grupos. Era evidente a formação naturalizada de grupos femininos e grupos masculinos.

Assim, dentro do que foi exposto, como trabalhar dentro de uma perspectiva multi/intercultural nas aulas de Educação Física com o intuito de contribuir para a formação dos/as estudantes no sentido de romper com visões sexistas? Que práticas poderão ser propostas aos estudantes para que estes reflitam sobre a valorização da diversidade cultural e o desafio aos preconceitos?

O presente estudo se propôs a analisar a prática pedagógica multi/intercultural na aula de Educação Física de uma turma do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública, e por intermédio de uma pesquisa-ação, verificar quais as intervenções pedagógicas e possibilidades de ação, poderiam contribuir para a superação do sexismo no contexto escolar.

Sendo assim, em um primeiro momento destaca-se as principais reflexões acerca da articulação interculturalidade, gênero e Educação Física. Aborda-se, a seguir, os procedimentos metodológicos para geração de dados do estudo. Focaliza-se, em terceiro lugar, os resultados encontrados. Em seguida, a análise do desenvolvimento das aulas e algumas discussões e, por fim, as considerações finais.

## **INTERCULTURALIDADE, GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA**

Candau (2008), ao relacionar o multiculturalismo e a educação, nos convida a pensar que não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa. A referida autora afirma que existe uma relação intrínseca entre educação e cultura e ainda “[...] não é possível conceber uma experiência pedagógica ‘desculturizada’, isto é, desvinculada totalmente das questões culturais da sociedade” (CANDAU, 2008, P. 13).

Porém a autora citada relata que, atualmente, o caráter homogeneizador e monocultural da escola é cada vez mais forte, assim como a consciência da necessidade da sua ruptura em favor da construção de práticas educativas que valorizem a questão da diferença e do multiculturalismo. A nossa formação histórica está marcada pela exclusão física do “Outro”, configurando uma forma violenta de negação da sua alteridade.

Nesse sentido, o debate multicultural nos coloca diante da nossa própria formação histórica. De que modo nos construímos socialmente, o que silenciemos, o que valorizamos e o que integramos na cultura hegemônica?

A problemática multicultural nos coloca de modo privilegiado diante dos sujeitos históricos que foram massacrados, que souberam resistir e continuam hoje

afirmando suas identidades e lutando por seus direitos de cidadania plena na nossa sociedade, enfrentando relações de poder assimétricas, de subordinação e exclusão (CANDAUI, 2008).

Dentre diferentes abordagens multiculturais propostas pela referida autora, nos apoiamos na perspectiva intercultural crítica como base para as discussões teóricas propostas no presente estudo. Segundo a autora citada, esta perspectiva caminha na direção de uma educação voltada para a negociação cultural, que enfrenta desafios marcados pelas relações desiguais de poder entre os diversos grupos culturais. Busca também favorecer a construção de um projeto comum onde as diferenças sejam dialeticamente tratadas e inseridas em políticas de igualdade e identidade. Esta concepção enfatiza a promoção da inter-relação entre diferentes grupos culturais presentes em uma determinada sociedade, concebe as culturas em contínuo processo de construção e reconstrução, reconhecendo-as historicamente e não fixando os sujeitos em determinados padrões. Outra característica importante citada pela autora é o processo de hibridização cultural, presente nas sociedades contemporâneas, que promove a construção de identidades abertas e plurais e que supõe que as culturas não são “puras”, mas em constante transformação.

Deste modo, a abordagem intercultural crítica que adotamos se torna fundamental para construção de relações igualitárias e desprovidas de preconceitos no que se refere às relações de gênero na escola, na medida em que favorece a integração e o reconhecimento cultural entre os diferentes sujeitos, no caso do presente estudo, entre os meninos e meninas.

Neira e Nunes (2009) compartilham com essas ideias ao propor subsídios para uma prática pedagógica pós-crítica da Educação Física, sugerindo que as temáticas do currículo (esportes, jogos, brincadeiras, dança, lutas e atividades expressivas) sejam confrontadas com as relações de poder que envolvem gênero, classe social, raça e etnia. Assim, tão importante quanto a vivência corporal do tema em estudo, são a leitura e interpretação das relações sociais presentes nestas categorias. De acordo com os referidos autores, a perspectiva multicultural pode abrir espaço para o estudo de práticas corporais pertencentes às mulheres analisando criticamente o predomínio das manifestações da cultural corporal masculina.

Gênero, neste estudo, é conceituado, segundo Scott (1995, p.72) como “o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”. Outras pesquisas também definem gênero como uma construção social e cultural do corpo (LOURO, 2003a, 2003b; SARAIVA, 2005).

De acordo com esses estudos, comportamentos, atitudes ou traços da personalidade são construídos em uma dada cultura e em um determinado momento histórico, definindo características femininas e masculinas e diferenciando-as umas das outras conforme o papel que desempenham na sociedade.

Esse processo de construção se desenvolve no decorrer da vida através das mais diversas instâncias: família, escola, igreja, etc, onde através de práticas sociais nos transformamos em homens ou mulheres sem levar em conta a naturalização de tais práticas.

Neste contexto, a Educação Física, foco deste estudo, também é dotada de práticas culturais que reproduzem o sexismo e normatiza modos de ser e agir dentro de um padrão de identidade masculina, branca e de classe média. Os critérios de seleção de conteúdos, a organização dos espaços destinados as vivências e as posturas e linguagens adotadas pelos meninos e meninas são exemplos do cotidiano escolar onde as diferenças de gênero se mostram explícitas (SARAIVA, 2005).

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Visando atender aos objetivos propostos no presente estudo, recorreremos à pesquisa-ação como metodologia pelo fato da mesma buscar a conscientização crítica da realidade, onde os significados são construídos coletivamente através de reflexões que atuem no sentido da superação das situações de opressão e alienação, no caso particular do presente estudo, a superação do sexismo nas aulas de Educação Física (THIOLENT, 2011).

Deste modo:

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLENT, 2011, p. 20)

É fundamental destacar que os objetivos de transformação da sociedade e a busca pela construção de conhecimentos, características primordiais da pesquisa-ação, guiaram todo o processo.

Para o estudo, realizado no ano letivo de 2011, foi selecionada uma turma do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública do Rio de Janeiro formada por 20 meninas e 17 meninos, totalizando 37 estudantes, a professora regente de sala de aula e o professor de

Educação Física da referida turma.

A seleção deste grupo para o estudo foi realizada a partir da observação, nas aulas de Educação Física, de situações de divisão entre os meninos e as meninas de forma naturalizada, onde os primeiros apresentavam uma atitude de domínio aos espaços e materiais utilizados na aula (bolas, cordas, etc). As meninas apesar de demonstrarem resistência à situação descrita, não conseguiam revertê-la imediatamente, sendo necessária a intervenção do professor no sentido de tornar o espaço igual para todos (as).

Os relatos iniciais dos professores realizados em momentos de intervalo na escola, também mostraram que os meninos e meninas se relacionavam de forma diferenciada e, por muitas vezes, essa diferenciação era acompanhada por desigualdades e discriminações.

A escolha dos participantes, também levou em conta o fato dos professores demonstrarem sensibilidade no trato com a diferença em seu cotidiano escolar.

Como instrumentos metodológicos utilizados na coleta de dados, recorreremos a entrevistas individuais com os professores, o registro no caderno de campo de conversas informais realizadas com os/as estudantes e, também, a observação participante no decorrer de todo o contato com os sujeitos da pesquisa. Tais instrumentos foram utilizados, inicialmente, no intuito de destacarmos as visões preliminares sobre as questões de gênero que permeavam as práticas e vivências dos referidos atores escolares.

No decorrer e final do estudo, os instrumentos metodológicos destacados foram utilizados para refletirmos sobre os possíveis impactos gerados pelas intervenções pedagógicas durante as aulas.

As entrevistas com os professores foram realizadas no horário destinado ao planejamento semanal e o roteiro de perguntas abordou, entre outras questões, em que momento havia dificuldade de integrar meninos e meninas na sala de aula, se os professores consideravam importante tratar de assuntos relacionados ao preconceito e ao respeito às diferenças e se existia a preocupação em planejar atividades que pudessem promover a discussão sobre os tipos de preconceitos e a diversidade cultural existentes na escola.

Os registros das conversas com os/as alunos/as foram realizados durante o horário das aulas de Educação Física, contou com a participação de alunos/as de uma turma com o quantitativo de 37 alunos/as no total, sendo 20 meninas e 17 meninos. Neste momento, todos/as puderam apresentar suas percepções acerca de algumas questões, como por exemplo,

o que entendiam por preconceito, se já tinham sofrido algum tipo de preconceito, se já tinham deixado de fazer algo por medo de ser “zoados” pelas meninas ou pelos meninos, se nas aulas de Educação Física, que já tinham participado, existia a separação de meninos e meninas e se acreditavam que meninos e meninas poderiam vivenciar juntos uma mesma atividade corporal. Todas as respostas foram registradas no diário de campo e analisadas à luz da perspectiva multi-intercultural.

A organização da pesquisa englobou 10 aulas com 2 tempos de 50 minutos cada totalizando 20 tempos de aulas. Neste período houve, além da participação da turma, a participação do professor de Educação Física.

As aulas foram distribuídas em atividades em sala de aula (leitura e produção de textos, debates, trabalhos em grupo e individual) e em atividades no pátio (vivência dos conteúdos da cultura corporal) para todas as temáticas negociadas na fase de mapeamento.

Deste modo, nas duas primeiras aulas foi realizado o mapeamento das manifestações corporais presentes na cultura dos/das estudantes e a construção coletiva do plano de curso onde buscamos atender a maioria dos conteúdos destacados pela turma, segundo a perspectiva multi/intercultural. Na 3ª e 4ª aulas trabalhamos com a temática brincadeiras e jogos populares, na 5ª e 6ª aulas trabalhamos com a temática futebol, na 7ª aula trabalhamos com a temática dança, na 8ª e 9ª aulas trabalhamos com a temática capoeira e na 10ª aula realizamos um debate final entre os/as estudantes e professores procurando, ao final, perceber possíveis impactos gerados a partir das intervenções pedagógicas realizadas durante as aulas.

Para efeito de entendimento dos dados, os sujeitos participantes da pesquisa foram identificados como professora regente de sala de aula, professor de Educação Física e os/as alunos/as por letras maiúsculas. O intuito foi preservar seus nomes e mantê-los em sigilo.

## RESULTADOS

Em relação a fase inicial da pesquisa, o professor de Educação Física destacou que ao chegarem ao espaço destinado às aulas, os meninos e meninas se separavam, mesmo sem haver sua interferência e este fato se conservava até que fosse tomada alguma medida para reverter a situação:

*Parece que a turma se divide naturalmente, eles já trazem isso com eles...se você não interferir, eles continuam assim até o final da aula...* (Professor de Educação)

Física, em março de 2011).

O professor também relatou que tinha muita dificuldade em integrar meninos e meninas nas mesmas atividades.

*Quando propomos as mesmas atividades para meninos e meninas eles apresentam muita resistência. As meninas falam que os meninos são brutos e violentos e os meninos falam que as meninas são fracas e sem habilidade. Aí é difícil...até você conversar e reverter isso, já passou um tempão da aula. (Professor de Educação Física, em março de 2011).*

De acordo com a análise realizada, percebemos que na visão do professor, a turma apresentava uma nítida separação entre os gêneros e que o mesmo, evidenciava as dificuldades encontradas em integrar meninos e meninas em atividades conjuntas. Neste momento, relacionamos o posicionamento do professor com vários estudos que apontam que no espaço das aulas de educação física encontramos as maiores evidências em relação ao preconceito por conta das diferenças de gênero (LOURO, 2003a; AUAD, 2006; ALTMANN, AYOUB E AMARAL, 2011).

A professora regente da turma também relatou situações de divisão entre meninos e meninas no espaço da sala de aula:

*Quando eles chegam à sala já se separam, meninos sentam para um lado e meninas sentam para o outro lado. Não combinados que fosse assim. Eles simplesmente já organizam assim desde o início do ano. (Professora regente de sala de aula, março de 2011).*

A referida professora também ressaltou a dificuldade em organizar trabalhos em grupo na sala de aula, quando havia a situação de formar grupos mistos.

*Um dos instantes de maior conflito na sala de aula é no momento de formarmos grupos de trabalho onde meninos e meninas tenham que participar do mesmo grupo. Não é fácil! A gente tem que conversar...em certos momentos alguns até se negam a fazer a tarefa proposta. (Professora regente de sala de aula, março de 2011).*

É importante ressaltar que as relações de gênero, de modo como são organizadas em nossa sociedade, reproduzem continuamente desigualdades. As visões baseadas em uma

perspectiva naturalista sobre homens e mulheres, meninos e meninas representam uma barreira para a superação de tal situação.

De acordo com Auad (2006) as características biológicas entre homens e mulheres são interpretadas, percebidas e valorizadas segundo as construções de gênero de cada sociedade.

Assim, ser homem ou ser mulher corresponde a pertencer ao gênero masculino ou feminino. Esta relação de pertencimento, segundo a autora, induz a negação ou distanciamento ao sexo oposto. Tal situação fica bem destacada pela professora entrevistada como dificuldade na sua prática pedagógica.

Ao perguntarmos aos alunos e alunas se já haviam sofrido preconceito por serem menino ou menina e de que forma isso acontecia, percebemos uma nítida separação de gênero em relação às brincadeiras e jogos vivenciados na rua e na aula de Educação Física o que culminava, segundo os relatos, na exclusão do outro gênero.

*Na Educação Física, as meninas não deixam a gente jogar queimado. (Aluno K).  
Teve uma vez que os meninos ficaram chamando a gente de 'viadinho' só porque a gente tava brincando com as meninas. (Aluno Y)*

*A gente quer jogar futebol e os meninos não deixam e quando eles querem jogar queimado a gente deixa. (Aluna M).*

*(da entrevista em 23/03/11).*

Sobre este aspecto, Louro (2003a) afirma que se em outras áreas escolares as diferenças de gênero aparecem de forma implícita, é na Educação Física que esse processo se torna mais explícito e evidente. O discurso biológico, ainda muito presente na disciplina, reproduz a ideia de que as mulheres são, fisicamente, menos capazes do que os homens o que resulta na diferenciação de maneiras de ser e viver segundo os papéis determinados socialmente para cada sexo.

A partir daí, podemos entender as dificuldades existentes no trabalho integrado entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física.

## AS AULAS

Dentre as atividades corporais negociadas pela turma e pelos professores como temáticas de ensino, destacamos uma para abordarmos no presente artigo, que a nosso ver, dentre as outras, possibilitou maior questionamento e a conseqüente problematização das

questões de gênero dentro das aulas: o futebol.

Nestas aulas, tivemos como objetivo identificar e superar preconceitos relacionados ao gênero. Optamos pela vivência do futebol, não só por ser uma manifestação cultural presente na realidade dos/das estudantes, mas também por ser, no contexto brasileiro, uma prática corporal historicamente e culturalmente masculina (MOURA, 2005). Os meninos, desde pequenos, brincam de chutar a bola e acabam por se tornar mais hábeis no futebol do que as meninas, fato que comprovamos no cotidiano das aulas de Educação Física (DAÓLIO, 2006).

Inicialmente, propomos um levantamento sobre quais conhecimentos a turma já apresentava sobre o tema através do registro de palavras e expressões mais utilizadas no futebol.

Dentre as palavras e expressões citadas pela turma, algumas nos despertaram interesse por estarem vinculadas à questão de gênero como “futebol é coisa de homem” e “as meninas não sabem jogar futebol porque elas são fracas”. A partir daí problematizamos tais questões juntamente com o professor de modo a desafiá-las e desnaturalizá-las. Argumentamos que tais afirmações eram pautadas em construções preconceituosas sobre o que é ser homem e o que é ser mulher na sociedade e que cabia aos sujeitos escolher suas práticas corporais sem que por esse motivo pudessem sofrer algum tipo de preconceito ou discriminação.

Em seguida, foi proposta a seguinte questão para o debate: será que as diferenças existentes entre homens e mulheres, meninos e meninas podem justificar a não participação destes em determinados esportes e jogos?

A partir das reações da turma frente à questão proposta, pudemos observar através dos relatos que tanto meninos e meninas mostravam a aceitação em esportes e jogos sem levar em consideração os marcadores de gênero, mas, principalmente aos gostos pessoais e subjetividades de cada um.

*Eu acho que o futebol pode ser jogado por todo mundo, não importa se é menino ou menina. (Aluno X, da aula em 25/05).*

Porém, este fato não foi evidenciado na prática do futebol, pois dez meninas (a metade do número total de participantes da pesquisa) se recusaram a participar da atividade pelo fato de terem medo da agressividade dos meninos e muitos meninos demonstraram repúdio à participação das meninas alegando a sua falta de habilidade motora. Deparamo-nos, portanto,

com um conflito e, com isso, com um campo valioso para tratar das questões de gênero.

Diante do exposto, recorreremos às ideias de Neira e Nunes (2009) referentes à intervenção pedagógica:

Ao articular as diferenças das manifestações investigadas com as identidades presentes na sala de aula, os professores podem propor situações em que as vozes silenciadas do grupo possam manifestar-se e serem ouvidas. Seus conhecimentos, posições e sugestões devem merecer a mesma atenção que as vozes acostumadas a evocação no ambiente escolar (NEIRA e NUNES, 2009, p. 239).

Após sucessivas mediações, grande parte da turma aceitou participar em conjunto na aula o que possibilitou discussão, reflexão e ressignificação de atitudes e comportamentos nas relações entre os/as estudantes. Até então alguns meninos que se recusaram a participar da aula modificaram seu comportamento e passaram a aceitar a ideia de que as meninas também poderiam participar igualmente, pois tinham o direito de estar no espaço da aula de educação física sem serem excluídas. Ao mesmo tempo, as meninas que, a princípio, não manifestaram interesse em vivenciar a prática do futebol, decidiram participar exigindo direitos dentro do espaço da aula.

É importante ressaltar que as situações descritas ocorreram em meio a um turbulento campo de conflito, onde alunos e alunas tentavam a todo o momento marcar posições e exigir espaços de reconhecimento subsidiados pela intervenção do professor.

Com o passar das aulas percebemos que a turma começou a apresentar menos resistência em relação à participação conjunta de meninos e meninas. Observou-se que os discursos discriminatórios ocorriam com menos frequência e quando ocorriam eram criticados pelos/as próprios/as estudantes. Esta evidência foi considerada fundamental para o estudo, pois mostrou a possibilidade da transformação de comportamentos e atitudes frente a intervenções pedagógicas positivas e multiculturalmente orientadas.

Nesse sentido, a educação multi/intercultural caminha em direção a construção de identidades culturais abertas à diversidade e ao desafio a preconceitos ou nas palavras de Candau (2008, p. 23):

A perspectiva intercultural que defendo quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas.

O relato do professor de Educação Física mostrou a importância atribuída a intervenções pedagógicas que mobilizem a inter-relação entre meninos e meninas:

*É importante trabalhar as questões de gênero nas aulas de educação física, pois mesmo havendo resistência por parte dos alunos, eles apresentam a consciência sobre o respeito às diferenças e à diversidade. A intervenção do professor é fundamental, pois se o professor não intervir nos momentos de conflito haverá a perpetuação do preconceito e da divisão por gênero, pois são coisas que já estão enraizadas na sociedade.*(Professor de Educação Física, da aula em 25/05).

## DISCUSSÃO

Ao refletirmos sobre a pesquisa-ação realizada neste estudo identificamos mudanças nos alunos e alunas em relação à participação nas aulas, principalmente no que diz respeito à organização dos espaços por grupos, a inter-relação pessoal e a relação professor-aluno.

Na fase de avaliação dos resultados da pesquisa-ação, constatamos que tanto o professor de Educação Física quanto a professora regente afirmaram a importância do tema para as suas práticas, o ganho de conhecimento que obtiveram ao participar da pesquisa e a intenção em continuar inserindo a questão em sua prática pedagógica cotidiana. Salientaram também a mudança percebida no relacionamento entre os alunos e alunas durante as aulas que, se mostraram mais respeitosos, participativos e mais atentos aos discursos discriminatórios relacionados às questões de gênero.

*A Educação Física pode contribuir para a reprodução de valores sexistas dependendo do foco que o professor der para as suas aulas. Caso o professor não trate diretamente das questões de gênero, o que é existente na sociedade irá se manter (sexismo).*(Professor de Educação Física, em 19/11/11).

*A participação na pesquisa foi muito importante, pois se vislumbrou a possibilidade de mudança de atitude por parte dos envolvidos, em relação ao respeito ao outro independente do sexo. A partir da pesquisa, percebi mais proximidade entre meninos e meninas, como também melhor aceitação na formação de grupos mistos quando sugerido em sala de aula.*(Professora regente de sala de aula, em 19/11/11)

Observamos a mudança no comportamento da turma durante as aulas de Educação Física a partir das modificações percebidas nas relações entre os meninos e meninas que passaram a interagir de forma respeitosa durante as atividades propostas sem a interferência direta do professor, passaram a participar conjuntamente de atividades consideradas típicas de

meninos ou meninas sem demonstrar repúdio ou preconceito e se mostraram mais atentos ao emprego de discursos discriminatórios relacionados às questões de gênero.

Nesse sentido, perguntamos aos alunos e alunas para que serviu a pesquisa realizada e, de acordo com os (as) alunos (as):

*Serviu para mostrar que meninas e meninos podem fazer juntos as mesmas coisas.  
Que menina também joga futebol.  
Que a gente não deve ter preconceito.  
(Turma, do grupo focal em 19/10/11).*

As reflexões realizadas como os/as professores/as e alunos/as ao final do estudo foram fundamentais para avaliarmos até que ponto estes sujeitos puderam modificar seus pensamentos e ideias sobre as questões de gênero.

Neste sentido, ressaltamos alguns estudos que abordam as questões de gênero no contexto das aulas de Educação Física focalizado como as construções sociais sobre o que é ser menino ou menina podem ser desencadeadoras de preconceitos e discriminações.

Ao pesquisarem a prática docente em uma escola, Altmann, Ayoub e Amaral (2011) analisam como o gênero perpassa o cotidiano das aulas de Educação Física, especialmente em se tratando de planejamento de aulas e seleção de conteúdos. Essas autoras apontam que as questões de gênero não são consensuais entre os professores de Educação Física analisados em sua pesquisa: se por um lado alguns professores defendem as vantagens e a importância de se trabalhar com turmas mistas, outros ainda defendem a separação, reafirmando a ideia, muito recorrente na área da educação, de que trabalhar com grupos “homogêneos” facilitaria o desenvolvimento das aulas, diminuindo conflitos e tensões provenientes da diversidade das relações.

Auad (2006) ressalta em seu estudo que as relações de gênero, da forma como são organizadas em nossa sociedade, são produtoras de desigualdades, ou seja, as visões sobre mulheres, meninas, homens e meninos representam um obstáculo para a superação do sexismo. Segundo a referida autora, ao considerarmos as relações de gênero como socialmente construídas, percebemos que uma série de características tipicamente femininas ou masculinas corresponde às relações de poder.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, buscamos investigar a prática pedagógica na aula de Educação Física pautada na perspectiva multi/intercultural, através da metodologia da pesquisa-ação, reconhecendo as suas contribuições para a superação do sexismo no contexto escolar, assim como os limites e desafios das experiências realizadas.

Em termos teóricos, acreditamos que a presente pesquisa avançou em relação a estudos anteriormente realizados, pelo fato, de buscar a articulação entre o multiculturalismo (perspectiva multi/intercultural), as relações de gênero e o campo da Educação Física.

Do mesmo modo, buscamos através da relação entre pesquisador, professores e alunos (as) problematizar e discutir a questão de gênero nas aulas de Educação Física tentando superar preconceitos e relações desiguais entre meninos e meninas detectadas na referida turma.

De acordo com as análises feitas, sustentamos que é na aula de Educação Física que encontramos grande resistência ao trabalho integrado entre meninos e meninas, pois pautada por um viés biológico, a prática desta disciplina foi se construindo sob uma ótica monocultural baseada na cultura branca, masculina e heterossexual.

Nesse sentido a intervenção do professor torna-se fundamental para a construção de práticas corporais plurais que valorizem as diferentes culturas e que contribuam para relações mais igualitárias e menos preconceituosas.

No que concerne ao desenvolvimento das aulas, a nossa intervenção, enquanto pesquisadores, juntamente com a do professor de Educação Física foi considerada essencial, no que diz respeito à proposição de atividades desafiadoras às desigualdades de gênero, como por exemplo, a dança para os meninos e o futebol para as meninas, bem como a problematização coletiva de situações preconceituosas percebidas no decorrer destas aulas.

O diálogo entre os sujeitos e as suas culturas serviu de “ponte” para a construção de argumentações fundamentais para a superação do sexismo nas aulas. Situações de conflitos entre os alunos e alunas envolvidos por discursos discriminatórios, como por exemplo, “futebol é coisa de homem”, “parece até uma mulherzinha” ou “os meninos são brutos e as meninas são fracas” entre tantos outros, foram discutidos a luz da educação multi/intercultural

no intuito de serem desnaturalizados e desafiados em função de relações mais igualitárias e menos preconceituosas entre os alunos e alunas.

Com o decorrer das aulas e os constantes questionamentos e reflexões realizados com a turma, percebemos a resignificação de atitudes e comportamentos que foram evidenciados pela menor resistência em relação à participação conjunta de meninos e meninas. Observamos nesta etapa que os discursos discriminatórios verificados no início da pesquisa ocorriam em menor frequência e quando ocorriam eram criticados pelos/as próprios/as alunos/as.

Constatamos também a mudança no comportamento da turma durante as aulas de Educação Física a partir das modificações percebidas nas relações entre os meninos e meninas que passaram a interagir de forma respeitosa durante as atividades propostas sem a interferência direta do professor, passaram a participar conjuntamente de atividades consideradas típicas de meninos ou meninas sem demonstrar repúdio ou preconceito e se mostraram mais atentos ao emprego de discursos discriminatórios relacionados às questões de gênero.

É importante salientar que o presente estudo não teve a pretensão de fazer com que os resultados aqui encontrados sejam passíveis de generalizações. No entanto, destacamos a contribuição percebida para o grupo participante em relação a superação do sexismo na escola identificados através dos relatos das entrevistas e da observação participante.

Reconhecer que questionar, desnaturalizar e desestabilizar a realidade discriminatória e excludente, no qual se insere o sexismo, constitui um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e mais igualitária, não só no que se refere ao gênero, mas em todos os seus níveis e relações.

O presente estudo não tem a pretensão de situar a categoria gênero como mais importante em relação às de classe, etnia e raça. Mas, de acordo com as fundamentações mencionadas, se propõe a reconhecê-la como fundamental no âmbito escolar para a construção de uma sociedade menos desigual no que se refere às relações entre homens e mulheres.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, H; AYOUB, E; AMARAL, S. C. F. Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? **Estudos**

**Feministas**, n. 19, v. 2, p. 491-501, maio-agosto/2011.

AUAD, D. **Educar meninos e meninas: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F; CANDAU, V. M.(Org.) **Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. Cap. 1, p. 13-37.

\_\_\_\_\_. Educação em direitos humanos e diferenças culturais: questões e buscas. In: CANDAU, V. M. (Org.) **Diferenças culturais e educação: construindo caminhos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. Cap. 1, p. 13-33.

CANEN, A. Sentidos e dilemas do multiculturalismo: desafios curriculares para o novo milênio. In: Lopes, A. C. e Macedo, E. (orgs.) **currículo: debates contemporâneos**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005. Cap. 8, p. 174-195.

\_\_\_\_\_. O multiculturalismo e o papel da pesquisa na formação docente: uma experiência de currículo em ação. **Currículo sem Fronteiras**, v. 8, n.1, p. 17-30, jan/jun/2008.

DAÓLIO, J. **Cultura, Educação Física e Futebol**. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003a.

\_\_\_\_\_. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L; NECKEL, J. F; GOELLNER, S.V. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade – Um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003b, cap. 3, p. 41-52.

MOREIRA, A. F; CÂMARA, M. J. Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F; CANDAU, V. M. (Org.). **Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. Cap. 2, p. 38-66.

MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como área reservada masculina. In: DAÓLIO, J. **Cultura, Educação Física e Futebol**. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

NEIRA, M. G; NUNES, M. L. F. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

OLIVEIRA e SILVA. R. C. **Formação multicultural de professores de Educação Física: entre o possível e o real**. 2008. 127f. Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SARAIVA, M. DO C. **Co-Educação Física e esportes: quando a diferença é um mito**. 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.20, n.2, p. 71-99, Jul-Dez, 1995.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

<b>Contato dos autores:</b>  <a href="mailto:apss.sol@gmail.com">apss.sol@gmail.com</a> <a href="mailto:acanen@globo.com">acanen@globo.com</a>	<b>Data de Submissão:</b>  19/ 06/2014  <b>Data de Aprovação:</b>  23/ 01/2015
---	--